



NÔ PINTCHA

* ORGAO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

Reuniu o Comité Permanente do Conselho Nacional da Guiné

Na sua qualidade de Secretário-Geral Adjunto do PAIGC, o camarada Presidente Luiz Cabral presidiu, na tarde de sexta-feira passada a uma reunião do Comité Permanente do Conselho Nacional da Guiné do PAIGC.

O Conselho, que trabalhou durante algumas horas, debruçou-se sobre uma vasta ordem de trabalhos na qual se inscreveram, entre outras questões, a análise da proposta de orçamento do Secretariado Nacional para o ano corrente e as formas de participação das estruturas nacionais do Partido nas Comemorações do XX Aniversário do Massacre de Pindjiguiti, do Ano Internacional da Criança e de Ano de Bolama. De destacar, a este propósito, que, entre as actividades a serem organizadas pela Comissão das Comemorações do XX Aniversário do Massacre de Pindjiguiti, se inscreve a translação dos restos mortais dos nossos heróis nacionais para local próprio, na fortaleza da Amura.

O Comité Permanente ouviu ainda um breve relatório apresentado pelo Secretário do Conselho Nacional, Otto Schacht, sobre as actividades do Secretariado do CNG, e tomou conhecimento do calendário de trabalhos do Partido, a nível supra-nacional, para o ano de 1979, que lhe foi apresentado pelo camarada José Araújo, Secretário Executivo do CEL.

Polisário ocupa cidade no sul do Marrocos

ARGEL — A Frente Polisário anunciou ontem a tomada, no domingo, da cidade de Tan-Tan (sul marroquino) pelas forças saharauas, após 4 horas de combates.

O porta-voz da Polisário em Argel indicou à France Presse que o Exército de Libertação Popular Saharoui efectuara, anteontem à tarde, uma «vasta operação» contra a base militar de Tan-Tan, «a mais importante base marroquina na rectaguarda do Sahara Ocidental».

«Após 4 horas de combates, acrescentou, a base e a cidade inteira caíram nas mãos dos combatentes saharauis que a ocupam». Indicou que esta ocupação se efectuou quarteirão por quarteirão, após a queda da base.

A notícia da ocupação da cidade pela Polisário foi confirmada ontem de boa fonte em Rabat, apesar de até agora não ter havido nenhuma reacção oficial. Ignora-se se houve vítimas de um lado e do outro bem como a amplitude dos estragos causados pelo ataque.

O porta-voz da Polisário em Argel indicou ainda que o governador marroquino da cidade e os oficiais do Estado-Maior lançaram uma «mensagem desesperada», mensagem essa que foi captada pelos saharauis, pela qual eles anunciavam «ter queimado todos os seus documentos e que esperavam ser detidos pelas forças adversárias» (FP).

MINISTRO SAHARAUI EM BISSAU

Chegou no fim da tarde de ontem ao nosso país, o camarada Mohamed Salem Ould Salek, ministro saharoui da Informação, que é portador de uma mensagem de Mohamed

Abdel Aziz, secretário-geral da Frente Polisário, para o camarada Presidente Luiz Cabral, Secretário-Geral Adjunto do P.A.I.G.C.



Samba Lamine visitou os campos de prospecção de bauxite

O camarada Comissário de Estado dos Recursos Naturais, Samba Lamine Mané, efectuou, de 23 a 26 do corrente, uma visita de trabalho à região de Boé, onde se desenrolam desde Janeiro do ano passado trabalhos de prospecção de bauxite, de acordo com um protocolo de cooperação técnica e económica, assinado a 16 de Fevereiro de 1977, entre o nosso governo e a União Soviética.

Durante a sua permanência

Terminou a visita de Aristides Pereira a Lisboa O Presidente Ramalho Eanes convidado a visitar Cabo Verde

★ Assinados seis acordos de cooperação bilateral

Com o convite formal formulado pelo camarada Aristides Pereira, no jantar que ofereceu na noite de sexta-feira ao Presidente da República Portuguesa, general Ramalho Eanes para visitar oficialmente a República de Cabo Verde, as assinaturas de seis acordos de cooperação bilateral e do comunicado final e a conferência de imprensa, terminou na sexta-feira, dia 26, a visita oficial de quatro dias a Portugal do Secretário-Geral do P.A.I.G.C. e Presidente da República irmã de Cabo Verde.

O convite fora anunciado na conferência da-

da pelo Presidente cabo-verdiano, que teve lugar na tarde do dia 26, e foi aceite pelo Presidente português. A data será marcada pelas vias diplomáticas.

Ao falar, aos brindes, durante o jantar que ofereceu ao general Ramalho Eanes no Palácio de Queluz, o dirigente cabo-verdiano expressou a satisfação pela visita que efectua a Portugal, cujos resultados, afirmou «não exageramos ao dizer que ultrapassaram as nossas perspectivas» e ao endereçar o convite oficial a Ramalho Eanes disse que é «para que o povo cabo-verdiano tenha também

oportunidade de demonstrar toda essa verdade que o povo português manifestou durante esta minha visita».

No seu improvisado o

camarada Aristides Pereira realçou o particular significado da sua estadia em Portugal, como

(Continua nas CENTRAIS)



Cooperação Guiné-Bissau Portugal Comissão Mista faz balanço das relações

Importantes acordos de cooperação serão assinados entre os governos da Guiné-Bissau e de Portugal, durante a visita que o presidente português Ramalho Eanes efectuará ao nosso país, a partir do dia 20 de Fevereiro próximo, a convite do seu homólogo guineense, presidente Luiz Cabral. A notícia foi anunciada no passado domingo pelo secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros de Portugal, dr. Paulo Ennes, que chefia a delegação portuguesa às conversações. O diplomata português, que discursava domingo de manhã, em Bubaque, durante a sessão de abertura dos trabalhos da comissão mista luso-guineense para a cooperação, considerou que tais acordos, que irão juntar-se a muitos outros assinados aquando da visita de Luiz Cabral a Lisboa, em Janeiro de 1978, vão tecendo uma rede cada vez mais espessa de institucionalização que vai determinar as relações entre os dois países.

O diplomata português, foi recebido na tarde de sábado, em Bubaque, pelo presidente Luiz Cabral, a quem fez a entrega de uma mensagem do presidente português. Embora

não tenha sido revelado o conteúdo da mensagem, supõe-se que ela se relaciona com a próxima visita do presidente português ao nosso país.

Aspectos ligados à referida visita, as actuais relações existentes entre Portugal e os países de expressão portuguesa emergentes da luta de libertação nacional, foram abordados pelo chefe da delegação portuguesa em entrevista concedida à Radiodifusão Nacional, em Bubaque. Paulo Ennes, no decorrer da sua entrevista focou ainda a posição assumida pelo seu governo face aos problemas do Timor-Leste e do Sahara Ocidental.

A recente entrada de Portugal no seio do Conselho de Segurança das Nações Unidas, bem como as linhas de força da política externa portuguesa, foram outros tantos pontos a que se referiu o secretário de Estado português dos Negócios Estrangeiros na sua entrevista que contamos apresentar aos nossos leitores num dos nossos próximos números.

A sessão de domingo foi marcada pelos discursos dos chefes das duas delegações, prosseguindo até sexta-feira

os trabalhos das duas representações que se encontram divididas em comissões e sub-comissões, com vista a uma melhor abordagem de questões ligadas ao reforço das relações bilaterais que existem entre os governos de Lisboa e Bissau. Assim, as três comissões, de Assuntos Económicos e Empresariais, da Cooperação Científica, Técnica e Cultural e de Documentação, e respectivas sub-comissões, debruçar-se-ão sobre uma vasta agenda de trabalhos, que compreende os seguintes pontos: balanço geral de cooperação; revisão sectorial da cooperação desenvolvida e perspectivas futuras na concorrencia à contratação de cooperantes, ensino e formação profissional (bolsas, inscrição de alunos em estabelecimentos de ensino portugueses e equivalências literárias); revisão das acções de cooperação havidas nos domínios técnico-militar, justiça, intercâmbio cultural, documentação e cartografia; saúde e socorros humanitários; finanças e alfândegas; agricultura; pesca previdência social e emigração; transporte e comunicações;

(Continua na pag. 8)

(Continua na página 8)

Uma sugestão para alegrar os nossos domingos

Camarada Director:

Venho solicitar-lhe a publicação desta minha simples carta. Desde já, os meus sinceros agradecimentos.

A razão que me levou a escrever é a seguinte: depois de uma semana do duro trabalho da Reconstrução Nacional, todos temos o domingo para descansar, divertir-nos e recobrar forças, para que possamos continuar sem vacilações no nobre trabalho de edificação de uma Pátria forte, sã e de felicidade para todos nós, seus filhos, e ainda para aqueles que quiserem viver connosco.

Mas acontece que, de uns tempos para cá, não tem havido bons filmes, além de outras coisas que ajudam muito ao repouso do nosso corpo.

Queria propôr ao Departamento das Artes de Cena — visto que temos vários conjuntos musicais na capital e as pessoas não têm onde ir, aos domingos, dar passeios relaxantes — que aos domingos, os conjuntos pusessem os seus instrumentos na Praça dos Heróis Nacionais e tocassem uns numerositos do seu rico repertório, para os nossos trabalhadores se divertirem um pouco antes de, no dia seguinte retomarem o duro trabalho que exige de todos um pouco de esforço. E seria também uma iniciativa adequada a este ano internacional da criança. Que fazer por elas? — elas que sempre sofreram por tudo e por nada, sem mesmo terem culpa do que se passa neste mundo.

Portanto, caros camaradas do Departamento das Artes de Cena, cá fica a minha proposta no sentido de ajudar os nossos trabalhadores e de alegrar mais as voltas que as nossas crianças dão aos domingos àquela estátua que se encontra no centro da Praça dos Heróis Nacionais, que, se o coltado tivesse vida, já teria caído de tonto por causa das milhares de voltas que recebe aos domingos, porque as crianças não têm por onde ir, visto o Parque XX Aniversário se encontrar fechado à tarde.

Portanto, mais uma vez, caros camaradas das Artes de Cena, pensemos nisso. Cá deixo a minha proposta. Até à próxima.

Mohamed Lamine

Representação da "Mercedes-Benz"

A Socomi vai passar a representar a «Mercedes-Benz» no nosso país. A notícia foi-nos dada pelo director daquela empresa, camarada Armando Lobo de Pina, no seu regresso da Alemanha Federal, onde manteve contactos com a conhecida construtora de automóveis. Segundo explicou o nosso entrevistado, a representação da «Mercedes» no nosso país vinha sendo feita por in-

termediário de Portugal. Após os contactos tidos na RFA, ficou decidido a vinda ao nosso país de uma delegação, em Abril, para discutir com as nossas autoridades as bases em que essa representação irá funcionar.

No regresso, Armando Lobo de Pina, fez escala na Bélgica e em Portugal onde estabeleceu contactos. Na Bélgica, contactou a empresa Fontain so-

bre a oferta de embarcações fluviais para transportes dos nossos produtos agrícolas do interior para porto de Bissau. Em Portugal, houve contactos com o Pão de Açúcar, tendo sido discutidos assuntos relacionados com o fornecimento, por aquela firma, de produtos aos nossos supermercados e com a vinda de técnicos para um estágio sobre preparação de enchidos.

A Frente Polisário prepara o seu 5.º aniversário

Os representantes da Frente Polisário na Guiné-Bissau pretendem proporcionar ao nosso público, a nível nacional, informações históricas sobre a luta do povo do Sahara, através de uma jornada de esclarecimento que culminará a 27 de Fevereiro próximo, com a comemoração do quinto aniversário da Frente Polisário, a vanguarda revolucionária do povo saharauí, que empreende uma luta difícil e corajosa contra a anexação do seu país.

O programa inclui afixação de cartazes e exposições fotográficas, trabalho em que colaboram alguns departamentos e instituições juvenis que se ofereceram para apoiar a jornada, tais como o Secretariado da JAAC, a UNTG, a Comissão Feminina e o Liceu Kwame N'krumah, onde, aliás, o comité da JAAC já concluiu uma exposição. Segundo os activistas dessa

exposição no liceu, há programas de projecção de filmes no liceu e noutros locais, e prevê-se também a organização de

colóquios e debates sobre a vida e luta do povo da República Árabe Saharaui Democrática.

Armando Ramos na Conferência dos 77

Partiu para a Etiópia e Tanzânia o titular da pasta do Comissariado de Estado do Comércio Indústria e Artesanato, camarada Armando Ramos. O objectivo desta sua deslocação é de participar na reunião dos países africanos membros do Grupo dos 77, que terá lugar de 30 de Janeiro a 1 de Fevereiro na capital etíope, e numa outra conferência que se realizará de 4 a 6 de Fevereiro em Arusha, uma cidade da Tanzânia.

Na conferência de Arusha, será discutida a posi-

ção comum a adoptar na 5.ª reunião da Conferência da ONU para o Comércio e Desenvolvimento-CNUCED-que se efectuará em Maio, nas Filipinas.

Um das questões principais a debater na conferência de Arusha, é a do modo como as relações monetárias internacionais poderão fomentar o aumento do comércio internacional e o desenvolvimento económico dos Estados membros. Recordase que esta conferência conta com delegados de 117 países em vias de desenvolvimento.

Incêndio em série no Reno-Gambafada

Um incêndio arrasou, na noite da passada quinta-feira, duas casas sitas no bairro Reno-Gambafada, na zona próxima da Avenida Unidade Guiné-Cabo Verde. Facto curioso é a maneira como o fogo conseguiu propagar-se nessas duas casas. Segundo os inquilinos da casa e os vizinhos, a origem do fogo está envolvida em mistério.

O incêndio começou numa casa próxima destas duas, mas, devido à acção rápida dos populares foi prontamente extinto. Pouco depois, verificou-se que outra casa de pequena dimensão estava também a arder. Os habitantes acorreram ao local, na tentativa de apagar o fogo, mas a casa ficou totalmente destruída e, com os populares a combaterem o fogo, outra casa maior começou a arder no lado oposto àquela.

Os inquilinos acharam que era impossível que a fálha do fogo fosse atacar nesse sítio, deixando o lado próximo da primeira casa sinistrada, impunemente.

Entretanto, dois carros dos bombeiros, em serviço, viram o fogo e imediatamente avisaram o comando da corporação. Um carro deslocou-se prontamente para o local do sinistro. Na ânsia de ajudarem os soldados da paz, os populares puxaram a mangueira até que esta se desconjuntou, obrigando assim a um novo trabalho de montagem e à perda de um tempo precioso.

Responde o povo

Namíbia - lutar por uma Pátria

Em qualquer palco internacional continuaremos a denunciar os crimes que são cometidos contra os povos do mundo. O povo namibiano está neste momento a sustentar uma luta sem tréguas contra o regime minoritário da África do Sul, que a todo o custo o quer dominar, recorrendo a processos ignóbeis. Processos esses a que o povo responde de armas na mão, buscando desta forma a sua dignidade e a sua liberdade como povo que conduz o seu próprio destino.

No passado dia 20, as nossas vozes ergueram-se em gritos de solidariedade e apoio à luta do povo da Namíbia contra a dominação colonial e racista da África do Sul.

Estará todo o nosso povo ciente da luta que os nossos irmãos estão a travar contra esta política hedionda? Eis o que nos responderam três entrevistados:

SOMOS CONTRA OS REGIMES OPRESSORES

Wyé, músico — Quanto à luta do povo da Namíbia, todos nós sabemos que é uma luta con-

tra um regime ilegal minoritário no Sudoeste do nosso continente. É certo que em todos os sítios onde existe repressão e injustiça é necessário criar uma força que se oponha a esse regime,

força essa que é a SWAPO, liderado por Sam Nujoma, grande patriota africano, que conhece e sabe respeitar a dignidade do homem.

Duma coisa estamos certos: da vitória da SWAPO sobre essa força ilegal e racista, porque, como sabemos, nenhum povo que luta pela sua verdadeira independência e felicidade, pode perder essa justa luta.

Nós, jovens do PAIGC, somos contra todos os regimes opressores e seremos solidários para com todos os povos em luta pela sua verdadeira emancipação.

UM POVO CORAJOSO E VALENTE

Aliu Sissé, djila do mercado — Quanto a

mim, apesar de não saber ler o que vem nos jornais por ser analfabeto, ouço falar na rádio sobre a luta do povo da Namíbia, esse povo que segundo me parece é muito corajoso e valente; como o nosso, que conseguiu expulsar o colonialismo português da nossa terra. Espero também que os nossos irmãos da Namíbia, dirigidos pelo seu Partido, não-de conquistar a sua verdadeira independência, para que possam viver com dignidade como todos os povos deviam viver, mas, com a cobiça de outros, infelizmente muitas pessoas ainda vivem no cativeiro.

A SWAPO VENCERA

Fanta Tcham, 37 anos,

doméstica — A luta do povo da Namíbia, quanto a mim e a todos aqueles que amam a liberdade, é uma justa luta, na medida em que ela é feita para que o povo conquiste a sua terra e possa governar-se ele mesmo sem ser dominado por qualquer outro povo.

Todos nós sabemos o que é a luta na Namíbia, como em toda a África Austral; luta contra o racismo, fascismo e o apartheid, por uma vida mais digna e de felicidade, que é o desejo de todos no mundo. Portanto, a Swapo vencerá, pois é ela o único representante legítimo dos namibianos e, como tal, tem todo o apoio dos povos progressistas.

APOIAMOS A SUA LUTA INCONDICIONALMENTE

Carlos da Silva, servente — Para começar, quero antes de mais louvar estas entrevistas que o vosso jornal faz, para saber como o povo sente e vive certos problemas como este, por exemplo, o da luta do povo amigo e irmão da Namíbia.

Quanto à luta na Namíbia, é justa e há-de ser vitoriosa, porque a sua vanguarda, a SWAPO, tem o apoio de todos os povos que respeitam a dignidade humana e consideram o homem como o valor supremo do Universo, como o nosso saudoso Líder dizia: o nosso Partido apoia incondicionalmente a luta na Namíbia, e há-de apoiar sempre.

Directrizes do Secretário-Geral para o novo ano (2)

Reforçamos a eficácia da nossa acção com a experiência adquirida na prática da nossa luta

O balanço do ano de 1978, no ponto de vista da política externa, a atenção particular à coopepração inter-africana, os problemas de emigração e as medidas de graça que foram concedidas durante o ano findo, foram realçadas pelo camarada Aristides Pereira, Presidente da República de Cabo Verde na sua mensagem de fim de ano ao povo caboverdiano que publicamos hoje a segunda parte.

Compatriotas,
Camaradas,

Neste ano findo de 1978, do ponto de vista da política externa, prosseguimos no nosso caminho de país estritamente não-alinhado, com relações de amizade e de cooperação com todos os países do mundo, independentemente dos seus regimes sociais, numa base de respeito mútuo e não ingerência nos assuntos internos.

Por actos concretos, reafirmamos o nosso princípio desde sempre enunciado, de sermos um Estado de Direito, numa terra de paz, de tolerância e de trabalho criador.

PARTICULAR ATENÇÃO A COOPERAÇÃO INTER-AFRICANA

Mantemos excelentes relações com os mais diversos países, desenvolvendo com eles uma cooperação frutuosa que está na base de todos os sucessos alcançados na nossa luta pela reconstrução nacional, incluindo os meios materiais indispensáveis que, através de uma ajuda eficaz, têm sido postos à disposição do nosso Governo, com uma utilização correcta e racional.

Sempre seguindo a linha do PAIGC, o nosso Governo desenvolveu uma acentuada acção no domínio das relações externas, com uma actividade meritória em todas as altas instâncias internacionais, e no sentido do reforço dos laços de cooperação bilateral, com particular atenção ao desenvolvimento da cooperação inter-africana e sub-regional, dando a conhecer a situação sócio-económica que prevalece em Cabo Verde, resultante não só da longa seca, mas também do recente passado colonial, cujas sequelas estão ainda muito vivas.

Podemos, pois, concluir que, nesse particular, demos perfeita continuidade às directrizes desde sempre estabelecidas pelo PAIGC e o seu fundador imortal, e reforçamos a eficácia da nossa acção com a experiência adquirida na prática quotidiana da nossa luta.

Porém, mantém-se e tende a agravar-se a conjuntura económica mundial, como já é um indício seguro o aumento decidido pelos países produtores de petróleo, membros da OPEP, que mais não é senão a resultante do não entendimento entre os países industrializados e altamente desenvolvidos por um lado, e os países sub-desenvolvidos ou em vias de desenvolvimento por outro, na luta há muito travada para a instauração de uma nova ordem económica mundial mais justa e mais equitativa.

A agravação desta situação, constituiu motivo de grandes preocupações nossas neste início de um Novo Ano, mas no entanto temos confiança e estamos seguros de que, como no passado, o nosso Governo continuará a tomar as medidas, mesmo as mais

enérgicas, que poderão permitir ao nosso povo enfrentar com serenidade e em condições de relativa segurança mais estas ameaças de natureza económica que hoje constituem uma das maiores, se não a maior preocupação dos



«Dedicamo-nos totalmente ao trabalho construtivo para transformar a nossa terra»

países do chamado Terceiro Mundo.

Compatriotas,
Camaradas,

Como de costume, ao falar dos problemas do nosso povo, temos sempre presente a nossa emigração, e assim é com satisfação que registamos no decurso do ano findo a realização do 1º Encontro das Comunidades Cabo-verdianas, em S. Vicente.

Foi um acontecimento de singular importância, como ponto de partida para uma melhor compreensão e maior participação dessa componente da Nação na obra de reconstrução nacional, e a efectivação desse encontro não constituiu senão um começo do muito que há a fazer nesse domínio.

O nosso Partido e o nosso Governo vão prosseguir com medidas de maior apoio a esta iniciativa, e estamos seguros de que novos e importantes passos vão ser dados, no

caminho da integração cada vez maior da nossa valorosa emigração na vida nacional.

Por outro lado, guiando-nos pelos princípios profundamente humanitários que regem o nosso Estado, são concedidas medidas de graça especial, que, estão contidas num Diploma que vai entrar em vigor dentro de algumas horas.

Essas medidas são tomadas porque acreditamos sempre na capacidade do homem para se corrigir, se reeducar e fazer a sua reintegração plena na sociedade a que pertence. Acreditamos na recuperação dos homens. Mesmo aqueles

em Bissau. Acontecimento que, se mostrou à luz do mundo a verdadeira face do retrógrado e criminoso colonialismo português, foi também, o grande catalizador da nossa luta de libertação nacional, ainda embrionária e clandestina.

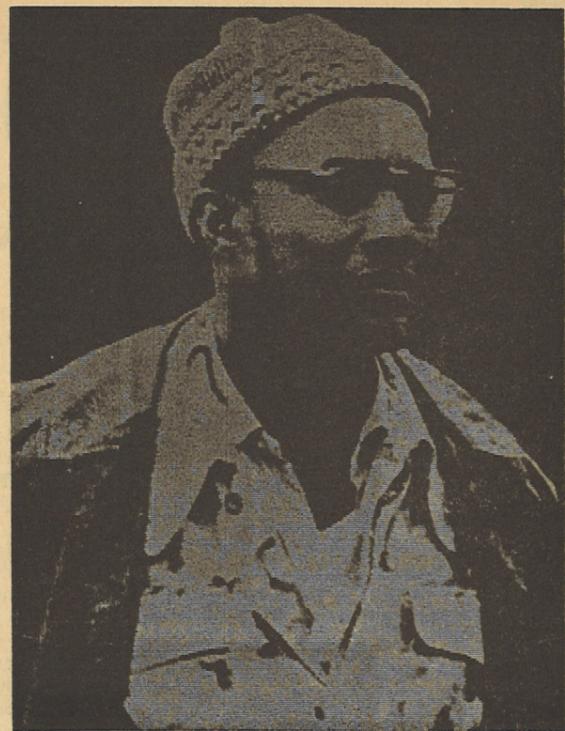
Sendo o PAIGC a força inspiradora de todos os nossos actos e força política dirigente da nossa sociedade; e sendo este um dos acontecimentos salientes e que mais vida custou na nossa luta libertadora, levando ao massacre mais de 50 bravos marinheiros e estivadores que ousaram, sem armas na mão, afrontar a máquina repressiva colonial, para exigir os seus mínimos direitos, como homens dignos, temos que encerrar toda a nossa acção em 1979 sob o signo do 3 de Agosto de 1959 — data do sacrifício máximo dos mártires do Pindjiguiti.

Evidentemente que devemos preparar-nos para celebrar de maneira grandiosa e digna este XX.º aniversário, com manifestações militantes e populares que possam de facto corresponder à particular homenagem que devemos render àqueles que foram os verdadeiros pioneiros da forma que devia assumir a nossa luta de libertação nacional, quer dizer: a luta armada, que se tornou vitoriosa quinze anos depois.

No entanto, em nosso entender, a melhor e mais significativa homenagem que devemos prestar aos valorosos mártires do Pindjiguiti será: Assumirmos devidamente as nossas grandes responsabilidades de cidadãos e de militantes; Dedicarmos-nos totalmente ao trabalho construtivo e levar para a frente, como deve ser, as palavras de ordem do nosso Partido; Reconvertermos definitivamente a nossa mentalidade de antigos colonizados, em homens, política e culturalmente livres, capazes de transformar a nossa terra, dominar a Natureza, e trazer ao nosso povo o progresso, paz e prosperidade a que tão justamente tem direito. Agindo assim, estaremos de certeza a honrar condignamente a memória de todos os nossos heróis e mártires.

Portanto, neste ano do XX.º aniversário do massacre do Pindjiguiti, sentimos muito maiores as nossas responsabilidades como militantes e construtores da nossa terra. Devemos ser muito mais exigentes connosco mesmos e com os nossos companheiros. Só assim, seremos dignos do sacrifício supremo que consentiram os homens do Pindjiguiti.

Vamos terminar, sob esse signo heróico, formulando votos para que o novo ano veja a concretização das nossas esperanças, que 1979 seja portador dos maiores bens e prosperidades para a nossa querida e amada terra, com progresso, paz e justiça para todos.



AMILCAR CABRAL

A prática revolucionária

VII. O OITAVO ANO DA LUTA ARMADA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL (*)

2. A ACÇÃO MILITAR DOS COLONIALISTAS PORTUGUESES.

APRECIAÇÃO DOS SEUS BALANÇOS

Porque este perguntaria com certeza a si mesmo porque é que cinco séculos de «cruzada civilizadora cristã» acabam por se transformar numa campanha de islamização, com a construção febril de mesquitas em vários centros urbanos e a organização oficial de viagens gratuitas a Meca.

Para qualquer pessoa, sobretudo para aqueles que conhecem a realidade das guerras coloniais recentes ao actuais no mundo, os factos e os números acima mencionados — admitindo que tenham alguma verdadeira — não enganam ninguém. São antes uma confissão da situação difícil na qual se encontram os colonialistas portugueses na nossa terra.

A construção de aeródromos junto dos centros urbanos traduz a preocupação de resolver um problema de natureza logística, a fim de garantir o abastecimento, o reforço e a evacuação das suas tropas que, nos centros urbanos ainda ocupados, estão cercadas e são cada dia mais o alvo dos ataques das nossas Forças Armadas. Esta actividade denuncia também a intenção criminosa dos colonialistas de fazer tudo para reforçar a acção dos seus aviões e helicópteros contra as nossas populações e tentar assim prolongar a guerra colonial.

O alcatroamento de alguns troços de estradas em zonas ainda ocupadas ou em litígio visa os mesmos objectivos e constitui sobretudo uma tentativa para fugir à acção mortífera das minas e emboscadas. Mas os colonialistas portugueses calam, no seu balanço, perdas enormes que já sofreram tanto em material como em homens, na tentativa de alcatroar algumas estradas.

A realização, à última da hora, das chamadas «obras de carácter social», feita com grande propaganda, integra-se no quadro da política do sorriso e de sangue, que os colonialistas inauguraram desde há quase dois anos, na intenção de desmobilizar o nosso povo.

É uma tentativa, tão desesperada como vã, de pôr em prática alguns dos pontos essenciais do programa social do nosso Partido — e que nós já começámos a realizar nas regiões libertadas. Os colonialistas pretendem assim enganar as populações dos centros urbanos e das raras zonas que ocupam ainda, afim de «provar» que independência não é necessária e que, como dizem na sua propaganda mentirosa, «essas populações poderão beneficiar da melhoria da sua situação sob a bandeira portuguesa».

(*) Relatório sobre a situação da luta,

GUNGUNHANA POR QUEM O CONHECEU (Conclusão)

Tempo-Nô Pintcha

Na conclusão do artigo sobre Gungunhana, Iniciado no número anterior do nosso jornal, apresentamos hoje a última parte da entrevista concedida à revista moçambicana «Tempo» pelo sr. A. Liengne, filho de médico-missionário belga, que viveu alguns anos com o rei de Mandlakaze.

A primeira parte referia a vida do povo dirigido por Gungunhana, as suas ligações com o médico-missionário e os combates travados contra a invasão colonial portuguesa, que viria a resultar na derrota do chefe moçambicano, por traição do seu tio Kuyu e da sua cunhada Umpibekezana.

Neste parte final, A. Liengne irá falar-nos dos momentos finais da vida de Gungunhana. Enquanto rei, ele escravizava os homens que não lhe prestassem vassalagem — como era habitual naquela época feudal. Porém, para A. Liengne (Mugaza), o acontecimento mais dramático da altura foi a intoxicação do povo de Gungunhana com o álcool enviado pelos portugueses. Sem a traição de Kuyu — diz ele — «os portugueses teriam sido vencidos».

«OS PORTUGUESES TIVERAM SIDO VENCIDO...»

Pergunta: — *Quais foram as razões principais que levaram ao ataque dos portugueses?*

Resposta: — Os portugueses queriam destruir as forças de Gungunhana e o pretexto foi o facto de Gungunhana ter dado asilo aos dois rebeldes. Gungunhana era um homem pacífico, que chegou a enviar o meu pai a António Enes, então Governador, para lhe dizer que Gungunhana não queria a guerra; queria que o deixassem em paz mas queria ser independente.

P: — *Sem a traição de Kuyu, o que acha que teria sucedido?*

R: — Os portugueses teriam sido vencidos, sem dúvida. Em 1894, um tal Devanion, oficial francês e enviado não se sabe de quem, chegou à corte de Gungunhana para o convencer a arranjar-lhe um exército para expulsar os portugueses de Lourenço Marques, mas como ele não troxe intérprete, e o meu pai se recusou a servir como tal, Gungunhana não entendeu e recusou. O homem tinha um plano de ataque e afirmava que o exército de Gungunhana teria podido derrotar os portugueses.

P: — *Houve algum combate entre as tropas de Gungunhana e os portugueses, nessa última armadilha preparada pelo traidor Kuyu?*

R: — Não, não houve nenhum combate, porque Gungunhana tinha dispersado o seu exército, devido a traição de Kuyu e da sua cunhada, e porque o exército morria de fome: estavam há mais de um ano em Mandlakaze e já só comiam os gafanhotos que tinham invadido a região. Havia muitas doenças. Portanto, só a guarda do corpo de Gungunhana combateu contra os portugueses.

P: — *Quais eram as armas de Gungunhana?*

R: — Eu de armas não percebo muito. Sei que os portugueses tinham metralhadoras e o Gungunhana não. Este tinha apenas algumas espingardas.

P: — *O que é que conhece sobre a organização do exército de Gungunhana?*

R: — Havia as «manga», uma espécie de regimento composto de guerreiros da mesma idade como fizera

Chaco (Tchaka). Este tinha uma organização militar idêntica à dos ingleses: havia regimentos com guerreiros de uma certa idade e outros de mais velhos, etc. Ele tivera de fugir da terra dos Zulus para a cidade de Cabo, e viria como os ingleses organizaram o exército, e resolveu então criar a sua organização militar. O seu exército era muito poderoso.

P: — *Como se fazia mobilização dos soldados?*

R: — Gungunhana tinha uma organização muito bem montada: em cada região tinha um homem da sua família que reinava, mas que dependia dele. Este tinha, assim, o domínio de toda a região. E se um desses chefes se revoltava contra Gungunhana, este enviava-lhe os Timbissi, que eram os «executores dos trabalhos baixos» de Gungunhana.

Assim reinava com o auxílio destes homens, que o mantinham ao corrente de tudo o que se passava. Por exemplo, quando o meu pai e minha mãe vieram instalar-se em Mandlakaze, fizeram uma viagem de um mês, a pé, a partir de Magul (que se chama hoje Antioka), uma estação missionária.

Nessa altura, o meu pai tratava de muitos doentes e operou um homem às cataratas. O homem disse-lhe que queria ir com ele para junto de Gungunhana, pois «este olho é para ver o que se passa aqui, e eu vi, e este é para ir à terra de Gungunhana dizer o que vi, por isso vou contigo».

Foi e contou a Gungunhana que tinha tido pedras nos olhos mas que agora via bem. Isto para eles era maravilhoso. Havia, por exemplo, um homem que sofria de hidropisia e tinha um ventre muito grande. O meu pai tratou-o, ele ficou bom, então Gungunhana queria que o meu pai tratasse um outro homem que era gordíssimo. E o meu pai teve de lhe explicar que naquele caso se tratava de gordura.

ALCOOL PARA QUEBRAR A RESISTÊNCIA DO POVO

P: — *Quais eram as relações dos colonialistas com as populações?*

R: — O Governo português tinha um residente no outro extremo da planície de Manguanhana. Gungunhana tinha

apenas jurisdição sobre o seu território e ninguém podia aí entrar sem sua autorização. Praticamente não havia relações entre portugueses e o povo de Gungunhana. Também nunca houve comércio de escravos com Gungunhana.

P: — *Existia cobrança de impostos?*

R: — Na região de Inhambane, parece que sim. Era um imposto de trabalho. Os portugueses tinham o direito de requisitar homens para trabalharem para eles. Certa vez em que o meu pai foi a Inhambane, notou que quando se aproximava de um nativo, este fugia com o receio de que o meu pai fosse português.

No reino, havia o pagamento de tributos. A população tinha de oferecer gado, cereais, uma parte da sua produção aos chefes de Gungunhana. Mas enquanto Gungunhana dirigiu o reino, os portugueses não cobravam impostos, talvez porque não conseguissem. A única coisa que eles verdadeiramente conseguiram, foi introduzir o álcool para intoxicar o povo e enfraquecer o exército.

P: — *Este tesouro de que falou anteriormente foi oferecido a Gungunhana por Cecil Rodhes. Pode-nos falar sobre as tentativas dos ingleses para manterem boas relações com Gungunhana?*

R: — Cecil Rodhes mandou em determinada altura dois emissários transportando um tesouro em ouro. Isto era para «keep him sweet» (mantê-lo doce), como dizem os próprios ingleses. Tanto os ingleses como os portugueses tinha medo do poder de Gungunhana.

P: — *Conheceu alguma atitude dos portugueses idêntica à dos ingleses?*

R: — Só sei dizer que a primeira coisa que fizeram foi tentarem intoxicar o povo de Gungunhana com álcool. Eles introduziram o álcool no reino para destruir o seu poder. Introduziram isso através dos «banianos» (indianos) que faziam comércio.

Gungunhana proibiu essas bebidas, e, em certa altura, conseguiu alguns resultados, mas os portugueses cada vez enviavam mais... Era vinho misturado. O meu pai também lutou quanto pôde, e disse aos portugueses: «não façam isso, vocês intoxicam o povo». Mas o que os portugueses queriam era isso.

UM TIRANO CRUEL

P: — *Pode-nos falar de Gungunhana enquanto senhor feudal, enquanto rei que dominava um vasto reino?*

R: — Do ponto de vista humanitário, Gungunhana era um homem cruel, como eram todos nessa época. Por exemplo, quando os seus guerreiros cantavam e dançavam, ele dizia «saltem», e se não saltavam suficientemente alto matava-os. Por isso toda a gente saltava. O meu pai viu os 50 mil guerreiros de Gungunhana cantar e dançar na planície de Manguanhana. Viu também preparar o remédio da guerra. Era assim:

Os soldados novos deviam

derrubar um touro com as mãos; depois cortavam-lhe a espádua direita. Com essa espádua direita faziam o remédio da guerra, acrescentando-lhe dois corações humanos: um de um rapaz virgem e outro de uma rapariga também virgem, designados por um feiticeiro. Tudo isto era posto num caldeirão, cortado aos pedaços e cozinhado com toda a espécie de ervas.

Em seguida, os guerreiros tomavam um pouco desse líquido e ficavam «invencíveis». E para mostrar a sua coragem, eles pediam para serem enviados em missões à zona «chope». Gungunhana enviava-os quando estavam demasiado tensos, buscar cabeças, isto é, escravos. Matavam os homens e ficavam com as mulheres e as crianças como escravos. Trazia também m rebanhos de vacas. Houve até um conflito porque Gungunhana tentou ir buscar gado ao outro lado do Incomatia, ao território dos portugueses. Gungunhana não fazia tráfico de escravos. Ele ia buscar escravos para si e para os seus homens, mas não os vendia. Quando eu nasci, ele deu à minha mãe um escravo e uma escrava, que foram imediatamente libertados, é claro. Um veio a ser cozinheiro-chefe do Hospital de Elim e a outra veio a ser professora. O meu pai gostava do rei, que era inteligente e tinha bom discernimento.

UMA SENTENÇA À SALOMÃO

Uma vez, dois homens começaram uma querela porque um acusava o outro de ter dormido com a sua mulher e assim apresentaram-se perante Gungunhana para o caso ser julgado. Gungunhana disse então: «agora vocês vão beber um remédio, e aquele que ficar bêbado é o culpado». Mas depois lembrou-se da criança e mandou-a vir — a criança que nascera e da qual não se sabia quem era o pai. Mandou que se cortasse a criança em dois, uma vez que não se sabia a qual pertencia — foi esta também a sentença de Salomão, mas Gungunhana não sabia. Então, a mãe gritou: «Não, eu não dormi com este homem, e só disse que sim porque o meu marido me bateu». Então, aquele que fizera a falsa acusação teve de pagar um certo número de vacas e touros ao outro. Esta história foi-me contada pelo meu pai tal e qual.

P: — *Como era a vida na corte?*

R: — Havia aldeias das rainhas; cada rainha tinha a sua aldeia separada com as suas escravas. As rainhas não traziam o peito descoberto, mas as escravas sim.

Havia também a palhota do rei, enorme, com 30 metros de diâmetro, com portas pequeníssimas. Para lá entrar, era necessário pôr-se de gatas. O meu pai perguntou a Gungunhana «porque é que vocês fazem portas pequenas?» E ele respondeu: «os nossos antepassados sempre fizeram assim». Anos mais tarde, en-

contrei um Albassini e ele explicou-me que isso tornava mais fácil o controle de quem entrava; se fosse inimigo, era fácil matá-lo.

Gungunhana tinha junto de si um enfermeiro, filho de um chefe, que era muito inteligente (chamava-se Wenguissa). Ele era o enfermeiro que o meu pai educou e treinou para tal, e tornou-se muito competente: arrancava dentes e fazia pequenas operações sozinho.

P: — *Como era a vida da população? Quem cultivava os campos?*

R: — As mulheres escravas. Os homens inimigos eram mortos e as mulheres trazidas para cultivar os campos. Eram mulheres Chopi e Changane. As crianças eram utilizadas para transportar comida ou para dar comida aos chefes, ou a Gungunhana.

P: — *Como se fazia a distribuição dos alimentos?*

R: — Cada rainha tinha as suas escravas para cultivarem as terras, prepararem alimentos e ir buscar água a um poço que ficava a uns 45 minutos de caminho, pela colina abaixo.

P: — *O seu pai foi a primeira pessoa a fotografar Gungunhana...*

R: — Uma vez que o meu pai teve de ir a Mandlakaze, a Inhambane para ver o que os portugueses magicavam, fez 250 quilómetros em cinco dias, em Outubro, acompanhado do enfermeiro. Nessa altura, havia um missionário americano, Richards, que estava em Inhambane e que veio ver o meu pai trazendo-lhe uma Kodak (isto foi em 1895), nova em folha.

O meu pai tinha só um daqueles aparelhos fotográficos antigos, muito grandes, com os quais é impossível tirar instantâneos. Com esse sim. O meu pai mostrou-o a Gungunhana. Explicou-lhe como funcionava e fotografou-o. Essa fotografia, tirada em Abril de 1895, está hoje no Museu da Revolução.

O meu pai conseguiu salvar estas fotografias, embora Albuquerque tivesse queimado tudo. Mouzinho de Albuquerque disse mais tarde a Henri Junot que, se tivesse encontrado o meu pai, o teria fuzilado, porque, segundo os portugueses, ele teria fornecido armas a Gungunhana. De facto Gungunhana tinha um depósito de 50 mil espingardas e munições, mas parte disso ardera num incêndio durante o primeiro ano em Mandlakaze, nas margens do Lago Soulé.

Mandaram então o meu pai embora, apenas por um ano, após o qual poderia voltar. Mas ele foi enviado para o Transvaal onde fundou um hospital. Perante as acusações feitas a meu pai, Gungunhana declarou ao Governo Português: «Este homem veio para nos tratar e para nos curar e nunca e nunca quis meter-se em política». O meu pai escreveu ainda ao embaixador de Portugal em Berna para se explicar.

★ Assinado

(Continuação da p...

«marco importante da história dos dois países» e salientou a importância das conversações que teve com o presidente Eanes.

Em resposta, o presidente Eanes elogiou a postura de Amílcar de quem considerava um sucessor capaz e Referiu, por outro lado, o propósito das

20

Não há quem não em que estado se travam as estradas a tomada completa da ministração do nosso Estado. As estradas estavam completamente estragadas como as pontes. É evidente que o nosso não tem ainda meios para fazer estradas como nós desejamos. Mas o objectivo das Obras Públicas já foi frizado vários meses, o de dar acesso a diferentes veículos, especialmente camiões e carrinhas, a todos os pontos do nosso país. O seu objectivo foi o de fazer com que os carros não fizessem mais de 80 ou 100 km por hora, mas naturalmente, ir a 30. O fundamental não haja nenhum ponto que fique cortado o tempo das chuvas.

Por outro lado, as Obras Públicas têm domínio das estradas e só reparar as que nelas existentes, tem vindo a ser ultimamente, só em Bissau. Este trabalho tem numerosos projectos de envergadura a construção de estradas modernas que as diversas regiões do nosso país. Um que mais tem de ser a nossa atenção, a construção da autoestrada que ligará a autoestrada internacional de Beira à capital, cuja primeira fase já se iniciou alguns meses atrás. Mas é no interior que serão construídas as estradas de verdadeiras e de verdadeiro interesse económico.

Terminou a visita de Aristides Pereira a Lisboa

Presidente Ramalho Eanes convidado a visitar Cabo Verde

Acordos de cooperação bilateral

entre os dois países, entender que «as palavras são supérfluas quando os actos já tudo disseram».

Ainda sobre Amílcar Cabral, declarou que este líder africano «será necessariamente o homem da História de Cabo Verde, da Guiné-Bissau, e, é a minha convicção — disse — o homem da História deste povo velho de oito séculos — o povo português».

Mais à frente, o Pre-

sidente da República portuguesa falou da sua amizade pessoal com o camarada Aristides Pereira, que classificou de homem político de «grande coragem, pragmático e consciente» das realidades existentes entre os povos português e caboverdiano. Referiu, também, que os dois países estarão tanto mais próximos um do outro quanto mais independentemente forem, fazendo notar o muito

que têm de comum «nas suas realidades social e global».

Finalmente, convidou o Secretário-Geral do P. A.I.G.C. a visitar de novo Portugal, não como presidente da República, «submetido à pompa do protocolo», mas como homem e amigo, «para visitar a minha Beira granítica».

Os seis documentos de cooperação entre os dois países fora rubricados no Palácio das Necessidades pelos minis-

tros dos Negócios Estrangeiros de Cabo Verde, Abílio Duarte, e de Portugal, Freitas Cruz, na presença de entre outros, o ministro da Comunicação Social, e o Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros do Governo português, respectivamente, Proença de Carvalho e Paulo Ennes.

COMUNICADO FINAL

Cabo Verde e Portugal acordaram na necessida-

de de «colaborar para um reforço dos laços de solidariedade entre Portugal e os países africanos de expressão oficial portuguesa», assinala o comunicado conjunto de 750 palavras distribuídos no último sábado na capital portuguesa, no termo da visita oficial a Portugal do camarada Aristides Pereira.

O documento salienta que as conversações entre os dois presidentes se desenrolaram «em ambiente sempre caracterizado pela grande cordialidade e espírito de compreensão», tendo-se registado «extensa convergência de posições».

As duas partes reafirmaram o seu «repúdio e condenação face às práticas de discriminação racial e de «apartheid» existentes na África Austral» e exprimiram o seu pleno apoio às iniciativas e resoluções pertinentes das Nações Unidas que defendem a auto-determinação e os legítimos direitos dos povos da Namíbia e do Zimbábue».

Quanto ao Médio-Oriente, os dois presidentes consideraram a necessidade da «retirada de Israel dos territórios árabes ocupados em 1967 e o reconhecimento dos direitos nacionais legítimos do povo palestino».

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA

Na conferência de imprensa o camarada Aristides Pereira considerou que Cabo Verde está a concorrer para abrir ca-

minho, de modo a ultrapassar as dificuldades que surgem nas relações entre Portugal e as suas ex-colónias. Embora não pretenda assumir o papel de mediano, Aristides Pereira diz estar pronto a dar uma maior contribuição para o melhoramento das relações de Portugal, não só com Cabo Verde, como com outras ex-colónias.

Nesta visita do camarada Secretário-Geral, falou-se da próxima visita do Presidente português ao nosso país em Fevereiro e além das relações entre Portugal e a República Popular de Angola.

Sobre a deslocação do general Ramalho Eanes a Bissau, o camarada Aristides Pereira salienta que as óptimas relações entre Portugal e a Guiné-Bissau não motivaram qualquer tipo de problemas quanto à preparação desta visita.

No que diz respeito às relações entre Lisboa e Luanda, o Presidente caboverdiano é portador de uma mensagem de Eanes para o Presidente da RPA, Agostinho Neto (que se encontra presente em Cuba numa visita privada e de amizade e que no seu regresso escalará na República da Guiné), e disse que era natural que as relações entre os dois países tivessem sido abordadas e que era normal o encontro que está para breve com o presidente angolano, que seria também normal que fossem discutidos os problemas com o seu homólogo da RPA.

Entrevista com o Comissário Tino Lima Gomes

Rede de estradas é indispensável desenvolvimento económico de uma região

país. Temos, por exemplo, a estrada Jugudul-Bambadinca, que será financiada pelo Banco Africano de Desenvolvimento; a estrada Bambadinca-Xitole, a ser financiada pela Comunidade Económica Europeia. Temos também um projecto a nível da nossa região africana. É uma estrada alcatroada que ligará Bissau, Banjul e Dakar. Os estudos da parte que ficará no nosso país iniciar-se-ão brevemente. Uma outra estrada

acordo de crédito obedece ao Urbanismo, engenheiro Alberto Lima Gomes, que nos falou da construção das estradas que ligam Buba a Tite e Buba a Catió, e todas as ramificações que convergem neste eixo principal, para permitir a evacuação dos produtos da região.

O camarada Tino Lima Gomes explicou-nos toda a trajectória deste projecto, cujo financiamento será feito pelo Banco Mundial, num montante

uma parte do projecto, no valor de 1 milhão de dólares».

As estradas ainda não serão asfaltadas nesta fase, conforme disse o camarada Tino Lima. O financiamento prevê a formação de duas brigadas de conservação de estradas que terão todo o material necessário para o arranjo das estradas em latrite. Com estas operações, começaremos a construir as estradas como elas devem ser construídas. Depois de concluído este projecto, poderemos então conseguir, com maior facilidade, financiamentos para o seu alcatroamento. O camarada Comissário disse ainda que este financiamento inclui também o revestimento total de todas as estradas do norte do país com mais uma camada de gravilha e asfalto, o que vai reduzir o trabalho incessante de remendar buracos.

O material que vamos adquirir para a colocação dessa camada de asfalto nas estradas do norte, vai-nos permitir asfaltar também várias outras estradas, como a de Bafatá, Gabú, Bambadinca e outras.

EXCELENTES CONDIÇÕES DE FINANCIAMENTO

O Comissário das Obras Públicas observou que as condições de pagamento deste financiamento são as melhores conseguidas até agora pelo nosso Governo. Este ce ao regulamento geral

da IDA. As condições são fixas em 0,75 por cento ao ano de juros, 10 anos de graça, e 50 anos para pagamento.

Neste momento já se encontra no país um gabinete de estudos americano, que é financiado pelo projecto, e também o chefe do pessoal técnico do projecto. O Comissário das Obras Públicas já está a fazer as listas dos materiais que serão necessários e, por outro lado, como disse Tino Lima, «o BM já nos fez um adiantamento de 100 mil dólares, para se poder engajar o gabinete de estudos, e avançar já com a documentação necessária para o concurso internacional para aquisição dos materiais».

«Contamos começar o trabalho no terreno em Outubro deste ano, se tudo continuar a correr bem como até aqui» — afirmou o engenheiro Lima. «O projecto será assistido pela empresa «Louis Bergés», e cada um dos seus técnicos será acompanhado de um elemento nosso, para começarmos já a rodar o nosso pessoal neste género de trabalho. Desde o director do projecto até ao simples operador de máquinas, cada um terá o seu assistente. Vamos ter oficinas mecânicas completas para se poder dar assistência às máquinas existentes e às que estão para vir; quer dizer, este é um projecto completo de A a Z» — concluiu o Comissário das Obras Públicas, Construções e Urbanismo.



ligará a nossa capital a Conakry.

9 MILHÕES DE DÓLARES PARA AS ESTRADAS BUBA-TITE E BUBA-CATIÓ

Falaremos aqui, principalmente, do projecto de construção de estradas no Sul, visto que esta região é, na verdade, o celeiro do país. Para tal, tivemos uma entrevista com o Comissário das Obras Públicas, Construções e

de 9 milhões de dólares. Começei por nos dizer: «Como é do vosso conhecimento, em Dezembro do ano findo desloquei-me a Washington à frente de uma delegação composta de altos funcionários da Coordenação Económica, da Justiça e do Banco Nacional, para tratarmos de questões ligadas a esse financiamento. Esta missão, que se encontrou com responsáveis do Banco Mundial, teve um grande sucesso. O nosso Estado financiará

Acordos e protocolos

Os seis documentos de cooperação bilateral entre Cabo Verde e Portugal foram assinados na tarde de sexta-feira passada no Palácio das Necessidades em Lisboa.

Trata-se de dois acordos de cooperação técnica e intercâmbio da Comunicação Social e sobre a garantia de emprego aos cidadãos dos dois países nas respectivas administrações públicas.

Este último acordo é de importância transcendente, visto que se encontram em Portugal cerca de 40 mil caboverdianos. Destes, 12 mil estão empregados ou semi-empregados, sendo a maioria na construção civil.

O acordo de Segurança Social foi remetido para estudo posterior da Comissão Mista Luso-Caboverdiana, cuja próxima reunião está prevista para o mês de Setembro. Durante a conferência de imprensa o camarada Aristides Pereira fez questão de sublinhar que nas conversações mantidas sobre este domínio não tinham surgido dificuldades. Contudo, afirmou que o documento carece de um estudo mais profundo.

Os quatro protocolos assinados são sobre as taxas de fretes marítimos, acesso de caboverdianos aos centros portugueses de formação profissional e ainda parágrafos adicionais ao acordo de cooperação científica e técnica e ao acordo cultural já existente.

Ficou prevista a próxima inauguração de um centro cultural português na cidade da Praia e a realização de uma reunião, provavelmente, em Maio, que aprofundará as questões agora abordadas.

As duas delegações felicitaram-se pelos bons resultados obtidos e pela atmosfera de cordialidade que rodeou as reuniões de trabalho.

Benfica bateu os Balantas por 1-0 e assumiu o comando da classificação



Jaime, «o furacão» do Norte, em poder do esférico, para mais uma descida pela extrema esquerda. É Niná quem lhe tenta barrar o caminho

Todas as equipas do interior venceram em casa, com excepção dos Balantas de Mansoa que, além de perderem por 0-1, frente ao Benfica, foram ainda destituídos por este do comando da classificação. Nos encontros efectuados em Bissau, UDIB e Bissorã empataram a uma bola, o Ténis Clube bateu o Ajuda por 3-1, e o Sporting ganhou ao Bolama por 2-0. Nos restantes campos do interior verificaram-se os seguintes resultados: Gabú, 3-Bula, 2; Buba, 3-Cantchungo, 2; Bafatá, 2-FARP, 0; e Farim, 2-Tombali, 0.

Para se completar o balanço desta 12.ª jornada do Nacional de Futebol, anotamos um montante de 23 golos, menos três de que a média desta época. As equipas da casa marcaram 14 golos contra 9 dos visitantes..

Com a vitória de uma bola a zero sobre Os Balantas, no Estádio Corca Só, em Mansoa, o Benfica tomou o comando da classificação, na 12.ª jornada, com vantagem tangencial sobre duas equipas: o próprio Balantas, e o Sporting de Bissau. Este encontro teve lugar na tarde de sábado passado. O golo de vitória do Benfica foi apontado pelo dianteiro N'Pinté, na segunda parte do encontro.

Com o estádio Corca Só completamente cheio, o toque de saída pertenceu à equipa encarnada, e o jogo ganhou uma boa movimentação logo de início. Não tardou, porém, que comessem a descortinar um clima de nervosismo entre os jogadores de ambas as equipas, e uma certa desconexão na defensiva do Benfica que, não acompanhando o avanço dos sectores dianteiros, permitia aos atacantes Balantas manobrar à vontade, em frente da grande-área.

Dos primeiros 45 minutos, pouco há a destacar. A defensiva dos Balantas, com Coró, Bodjan (cap.) e Jaime em grande plano, deixa escapar um lance de contra-ataque benfiquista, o que permitiu Borá isolar-se e desfechar um estrondoso remate. O esférico, bem dirigido, acabou por encontrar, na sua trajectória, o corpo do guarda-redes Mussá já em desequilíbrio. Boy surgiu no ressalto, tentou um «pontapé-de-bicicleta», sem efeito, lesionando-se na queda. Na defensiva benfiquista, Agostinho pecava, deixando o corredor direito aberto às manobras de Jaime, o «fura-

ção» do Norte.

Recomeçada a partida, sucederam-se ataques da equipa da casa, tanto da esquerda como da direita, onde Agostinho e Panamunai se revelavam inseguros a defender. Assim, aos 53 minutos de jogo, esteve à vista o primeiro golo dos Balantas. É o dianteiro Tóy que, actuando sempre nas brechas, apanha desprevenida a defesa encarnada, isola-se com o guardião Abel, bate este com o corpo e envia a bola para as malhas. Mas a defesa Bubacar, prevendo a situação, chegou a tempo de desviar o esférico já perto da linha de golo.

Um certo público de Mansoa, que manifestava um visível histerismo desde o início do encontro, reagiu ruidosamente à expulsão de Toni, médio dos Balantas. O juiz da partida, José de Pina, tinha cobrado uma falta de Toni sobre o médio benfiquista. Lá lá simplesmente porque aquele tinha a bola bem coberta ante a vã tentativa de Lalá. Descontente, com a decisão do árbitro, Toni joga a bola para longe. Resultado: cartão encarnado. O público ameaça punir o árbitro no fim do jogo.

Aos 65 minutos de jogo, o Benfica marcava o seu golo de vitória, por intermédio de N'Pinté. Numa jogada de contra-ataque encarnado aparentemente sem perigo, a bola chega à pequena área da equipa da casa, sem que nenhum defesa ou guarda-redes intervisse. Eis que surgiu N'Pinté e com um pequeno toque de cabeça, envia a bola para as malhas.

A linha avançada do Benfica, que até então tinha estado improdutivo, ganhou um novo cariz com a entrada de Carlos Mané, em substituição de Borá, a quem faltava inspiração. Os ataques continuaram a suceder-se alternadamente, ora de um lado, ora do outro, com um ligeiro domínio da equipa visitante, mas sem que se produzisse alteração no marcador fixado de-

brutalmente no fim do jogo contra os adeptos da equipa vencedora e contra a equipa de arbitragem, sem um mínimo de consideração para com os responsáveis administrativos do Sector e os agentes de Segurança pública que, desesperadamente, procuravam acalmar os manifestantes. É deste espírito anti-desporto, velha e triste tradição de Mansoa, que muitas pessoas se gabam. É frequente ouvir esta frase: «aquí é que é Mansoa. Quem ganha já sabe...» A quem serve atitudes deste género?

TÉNIS QUEBRA O ENGUIÇO COM 3-1 SOBRE AJUDA SPORT

O Ténis Clube, que não pontuava há três jornadas consecutivas conseguiu finalmente quebrar o enguiço, ao derrotar nesta 12.ª jornada, o Ajuda Sport (último classificado após esta jornada) por 3-1, perante uma assistência que se podia «contar pelos dedos».

O espectáculo proporcionado por estas duas equipas situou-se a um nível bastante superior em relação ao de embate entre as equipas da UDIB e Bissorã que presenciámos na mesma tarde de sábado.

Houve bom ritmo desde o apito inicial ao último, cinquenta por cento de passes de primeira qualidade. Houve

o tento, antes pelo contrário. Na reposição da bola em jogo, a turma alva invadiu o último reduto ajudista em contra-ataque rápido que foi mal concluído pelo dianteiro Djossé, o qual rematou muito forte mas por cima da barra.

Aos 15 minutos, foi a vez de Emílio Otto desperdiçar uma oportunidade da turma ajudista. Ucha, depois de ganhar um lance a um contrário, solicita com pontapé comprido para Emílio Otto, que conseguiu bater em corrida Rucas, mas quando tinha apenas o guarda-redes Tijane à sua frente, desferiu precisamente um pontapé forte, só que de tanto desviar a bola do alcance do número um tenista esta acabou por viajar para fora, passando junto do poste.

Na resposta, a formação alva conseguiu igualar o marcador num auto-golo do guarda-redes Pêr. Contra-ataque rápido conduzida no lado direito do ataque tenista é aliviada para além da linha final. Franklin, na marcação do pontapé de canto, faz a bola viajar junto da pequena área, onde apareceu Pêr a blocar mal o esférico, permitindo que este lhe escapasse e caísse para além da linha de golo. Depois deste tento, o jogo ganhou ainda um ritmo muito mais alegre, sem que o marcador voltasse a funcionar até ao intervalo.

A segunda parte teve aquela vivacidade dos primeiros 45 minutos. A única diferença verificou-se no marcador. Os tenistas enfiaram por duas vezes a bola na baliza contrária, enquanto os ajudistas só se preocuparam em situar num bom nível a sua exibição, que foi, contudo, manchada pelo frango do guarda-redes Pêr no segundo golo tenista, apontado de cabeça, na sequência dum pontapé de canto, por Ireneu. O terceiro surgiu já no final da partida, na transformação de um penalty. Foi seu autor Franklin.

O árbitro desta partida, António Carvalho teve um trabalho bastante caseiro. Não acompanhava as jogadas, daí a razão porque ficámos com dúvidas, nomeadamente sobre a «invalidação» do tento do Ajuda (o resultado estava nessa altura em 2-1 favorável aos tenistas). O remate disparado por um jogador do Ajuda pareceu-nos ter sido aliviado dentro da linha de golo.

UDIB, 1 — BISSORÁ, 1 SURPRESA NUM JOGO SEM HISTÓRIA

No sábado à tarde, para a décima segunda jornada do nacional, as formações da UDIB e do Atlético de Bissorã defrontaram-se num jogo dirigido por Orlando Furtado, coadjuvado pelos fiscais de linha Leonardo Cabral e Graciano Ramos.

O encontro foi presenciado por fraca assistência. Pode-se afirmar, sem exagero, que o estádio Lino Correia se apresentava vazio. Os motivos da ausência de espectadores foram o grande jogo que se disputou em Mansoa e o prognóstico de que a UDIB venceria facilmente o seu adversário com uma grande margem de golos.

Apesar de considerado antecipadamente derrotada, a formação de Bissorã veio à capital arrancar um precioso empate e a UDIB, contrariando e surpreendendo todos, demonstrou que está a passar por momentos de crise. Este despique não teve história (?) porque o jogo decorreu numa toada lenta, com os jogadores a preocuparem-se demasiadamente com bolas aéreas e, para cúmulo, os avançados de ambas as equipas estavam em «dia não».

A UDIB, desfalcada, devido à ausência de alguns titulares, não deu vida, nem velocidade à partida. E a equipa de Bissorã aproveitou muito bem esse facto atacando em força. A não ser os dois golos que apareceram na primeira parte, nada de especial se registou dentro do rectângulo, até ao apito final. O árbitro esteve indeciso na marcação de faltas.

O primeiro golo o da UDIB, apareceu aos 33 minutos, num cruzamento de Costa recebido por Beto. A bola tomou efeito e entrou na baliza, pelo ângulo superior, perante a tentativa inútil do guarda-redes Bacar. No entanto, aos 38 minutos, Nelson, isolado, afasta o guardião Mário João e lança a bola para a baliza, obrigando o defesa Nuno a travar a sua trajectória com a mão. Chamado a cobrar o penalty, J. João fez com que a bola beijasse as malhas. Houve duas substituições em cada uma das equipas. Portanto, resultado certo num jogo sem história.

Tabela Classificativa

	J	V	E	D	GM	GS	P
BENFICA	12	8	1	3	29	12	17
Balantas	12	7	3	2	22	9	17
Sporting	12	7	3	2	23	11	17
Bafatá	12	7	2	3	23	17	16
UDIB	12	5	4	3	20	16	14
Cantchungo ...	12	6	2	4	18	13	14
Farim	12	5	4	3	14	11	14
FARP	12	6	1	5	17	16	13
Bula	12	5	2	5	23	20	12
Tombali	12	5	2	5	20	22	12
Ténis Club ...	12	4	1	7	21	28	9
Bolama	12	3	3	6	21	27	9
Gabú	12	2	4	6	14	25	8
Buba	12	3	1	8	22	32	7
Bissorã	12	3	1	8	12	34	7
Ajuda Sport ...	12	1	4	7	13	27	6

finitivamente em 0-1.

Tonecas Parente foi feliz nesta sua estreia como novo treinador do Benfica. Após ter conhecido três técnicos nesta época, a equipa encarnada ficou finalmente entregue em boas mãos, pois Parente tem-se revelado um técnico de grande nível. Aliás, ele foi chamado ultimamente a dirigir a nossa selecção nacional. Todavia, o Benfica não poderá contar por muito tempo com os serviços deste orientador técnico, pois ele deverá seguir em Fevereiro para Portugal, onde deverá permanecer alguns meses, conforme constatámos em conversa com o próprio Tonecas Parente.

Antes de fecharmos esta crónica, não podíamos deixar de apontar a nota negativa do público de Mansoa. Este agiu

acima de tudo, disciplina dentro do rectângulo, ao longo dos 90 minutos, ocasiões de golos para ambas as equipas. Tudo isso a contradizer a pouca importância atribuída a esta partida, que não atraíu muito público.

O Ajuda Sport, a formação mais jovem do nacional de futebol, abriu o activo nos minutos iniciais, numa jogada de contra-ataque pelo corredor direito. Ireneu, que se fez ao lance, tentou cobrir a bola que se encaminhava para a linha final, para beneficiar de um pontapé de baliza. Mas Emílio Otto antecipou-se e, com um toque subtil, serve o seu companheiro de ataque, Herbert, que diante da baliza desguarnecida atirou de cabeça fazendo 1-0 para a sua equipa.

Os tenistas não acusaram

Farmacias

HOJE — «Farmácia Moderna» — Rua 12 de Setembro, telefone 2702

AMANHÃ — «Farmácia Central» — Rua Vitorino Costa, telefone 2453

Cinema

MATINÉE — «O Presidente do Glorioso Club» — às 18,30 h. — M/13 anos

SOIRÉ — «A Mulher e o Patife» — Às 20,45 — M/18 anos

Reunificação da Coreia O diálogo entre o Norte e o Sul

PYONGYANG 29 — Uma declaração, publicada em 23 de Janeiro último, pelo secretariado do comité central da Frente Democrática para a Reunificação da Pátria, contendo uma proposta de quatro artigos respeitantes à reunificação pacífica da Coreia, recebeu a simpatia e o apoio da opinião pública nacional e estrangeira, afirmou outra declaração publicada no sábado passado, dia 27 de Janeiro.

Por seu lado, a Coreia do Sul publicou também uma declaração exprimindo uma reacção positiva à proposta de 23 de Janeiro sugerindo que se realizem negociações entre representantes dos dois lados, se possível, antes de Junho. Afirmou ainda que seria melhor convocar estas negociações o mais cedo possível, tendo proposto para tal o mês de Abril.

A declaração acrescenta que, se as negociações permitirem contactos multilaterais e se um diálogo se estabelecer, a questão de um

congresso de toda a nação será facilmente resolvida.

«Pensamos que a convocação deste congresso nacional, no qual participaríamos todos os partidos políticos, grupos e pessoas de diversos círculos e as autoridades do norte e do sul, seria um meio de realizar negociações realistas e amplas, a fim de conseguir uma reunificação independente e pacífica do país, estimulando de maneira satisfatória a reconciliação e a unidade nacional, e reflectindo plenamente a vontade geral de toda a nação», afirmou-se na declaração.

Já declaramos que o norte e o sul deviam respeitar as ideias e os princípios da declaração conjunta de 4 de Julho, e cessar as calúnias, as difamações e as acções militares hostis, a fim de obter êxito no diálogo norte-sul e de estimular a causa da reunificação pacífica — prossegue o documento. Finalmente, a declaração de 27 de Janeiro disse que já ti-

nha parado a campanha de acusações mútuas, e que continuariam a tomar, no futuro, medidas apropriadas, conforme a declaração de 23 de Janeiro.

Por outro lado, soube-se que o Partido Socialista Japonês convidou uma delegação do Partido Operário Coreano a visitar o Japão, e que o ministro japonês dos Negócios Estrangeiros, Sunao Sunoda, receberá esta delegação, que é chefiada por Kim Yong Nam, membro do bureau político do comité central do POC.

Ultimamente, segue-se com particular atenção a iniciativa da República Democrática e Popular da Coreia para a reunificação. A maior parte dos jornais japoneses aprovam esta iniciativa, manifestando a esperança na continuação do diálogo para a unificação pacífica da península coreana. A imprensa pronuncia-se por uma contribuição japonesa positiva neste sentido. (KCNA, Tanjung)

Papa inaugurou a 3.ª conferência episcopal latino-americano

MÉXICO 29 — O papa João Paulo II inaugurou ontem, em Puebla, a terceira conferência episcopal latino-americana. No seu discurso de seis mil palavras, perante bispos e arcebispos, o sumo pontífice abordou diversos temas, como a defesa da dignidade humana, a libertação do homem, a doutrina social da Igreja, a sua liberdade evangélica e a sua independência face às ideologias.

«Cristo, sublinhou, não aceitaria a posição dos que misturam as coisas de Deus com as actividades puramente políticas».

Analisando a situação na América Latina, o papa declarou que o capitalismo torna «os ricos cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres». Disse que o direito à propriedade não é absoluto: «Não pode impedir uma distribuição mais justa dos bens».

Cerca de dez milhões de pessoas juntaram-se ao longo do trajeto México-Puebla, para aclamar o soberano da Igreja. Ontem, João Paulo II visitou Oaxaca, onde discursou perante meio milhão de índios. (FP)

CONSTRUÇÃO NA RPA

LUANDA 27 — Uma empresa nacional de construção e de reparação de pontes foi criada em Angola. O partido e o governo encarregaram-se de restaurar o mais rápido possível todas as pontes demolidas ou danificadas durante a intervenção imperialista contra a RPA, e de criar uma rede rodoviária única, que ligue todas as regiões do país. — (TASS)

APROVEITAMENTO DO RIO NIGER

COTONU 28 — O presidente Sekou Touré da República da Guiné declarou-se satisfeito com os resultados dos trabalhos da Comissão da Bacia do rio Níger de que é presidente. Uma cimeira dos chefes de Estado membros desta organização teve lugar na sexta-feira passada em Lagos, com o objectivo de reactivar a actividade da comissão. — (FP)

CONVERSACÕES ENTRE ARAP MOI E MENGISTU

ADDIS-ABEBA 29 — Os presidentes Mengistu Haile Mariam da Etiópia e Daniel Arap Moi do Quênia encontraram-se ontem à tarde na capital etíope, tendo discutido questões bilaterais e internacionais. O chefe de Estado queniano, que permanecerá dois dias na Etiópia, é acompanhado por uma delegação de 18 responsáveis governamentais de alto nível. — (FP)

REUNIÃO DA OUA

CARTUM 27 — Os ministros dos Negócios Estrangeiros da Organização da Unidade Africana (OUA) reuniram-se de 23 de Fevereiro a 2 de Março em Nairobi para discutir o orçamento da OUA assim como certas questões administrativas. O governo queniano concordou em acolher a conferência, enquanto que a reunião preparatória já começou em Addis-Abeba. — (SUNA)

DESEMPREGO NA ETIÓPIA

ADDIS-ABEBA — A Etiópia registou 153 718 desempregados em 32 das suas cidades, anunciou na semana passada na rádio etíope, o responsável do governo para as questões do emprego. O objectivo do governo é fornecer emprego a 70 500 desempregados no decorrer do primeiro ano da campanha lançada para o desenvolvimento económico, indicou, lamentando a falta de formação profissional da maioria dos desempregados. — (FP)

APELO À TURQUIA

PARIS 29 — O comandante Abdessalam Jaloud, chefe do governo líbio, convidou a nação árabe e o povo turco a «restaurar a sua unidade como muçulmano, face ao Ocidente», informou ontem a agência de imprensa líbia JANA captada em Paris. Este apelo foi lançado no sábado em Trípoli, durante um jantar oferecido em honra do Primeiro Ministro turco, Bulent Ecevit, em visita à Líbia. — (FP)

«DESAPARECIMENTO» DO IRMÃO DO CHE

GENEVA 29 — Juan Martín Guevara, irmão do «Che» «desapareceu» da prisão de Sierra Chica (Argentina), onde se encontrava preso há vários anos, anunciaram ontem seus familiares em Genebra. Ceila Guevara, irmã do «desaparecido», pediu ao Comité Internacional da Cruz Vermelha ao director da divisão da ONU para os Direitos do Homem que intervissem a favor de Martín Guevara. — (FP)

Senegal Campanha contra a embranquecimento da pele

DAKAR, 25 — Um decreto governamental proibiu o uso de substâncias químicas para embranquecer a pele nos estabelecimentos do ensino geral elementar, médio e secundário do Senegal. As alunas senegalesas não poderão utilizar mais o «xeesaw» (palavra ólof que designa os produtos embranquecedores da pele) para embranquecer a cara.

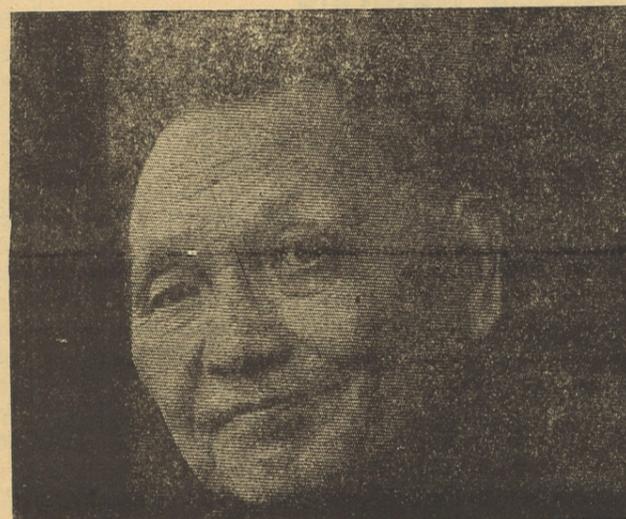
A campanha, realizada pelas autoridades junto das mulheres adultas para persuadi-las a renunciar

ao «xeesaw» não teve êxito, pelo que a pressão se exerce agora sobre as raparigas.

O comunicado que anunciou esta medida disse que o «xeesaw» é uma negação da «personalidade negra senegalesa». O texto acrescentou que a utilização deste produto impede a pele de desempenhar o seu papel de barreira natural contra as agressões externas, e cria dermatites eczemas, tensões e nefrites. — (FP)

China e Estados- Unidos reforçam relações

As relações internacionais, a situação na península indochinesa e na Coreia, o problema de Taiwan e a cooperação económica e científica entre a China e os Estados- Unidos, são os principais pontos da ordem do dia das conversações sino-americanas que terão lugar durante a visita de nove dias que o vice-Primeiro-Ministro chinês



Deng Xiaoping, promotor da abertura chinesa ao Ocidente

Deng Xiaoping efectua desde domingo aos Estados- Unidos.

Esta estadia histórica, que concretiza a normalização das relações diplomáticas entre Pequim e Washington desde 1 de Janeiro — a troca de embaixadores está prevista para 1 de Março — desenrola-se num fausto excepção, digno de um chefe de Estado. Isto explica-se pelo facto de, após 30 anos de hostilidades e de tensão entre a

China e os EUA, Deng Xiaoping passa a ser a primeira personalidade chinesa de alto nível em visita oficial a Washington, embora dois presidentes americanos, Nixon

e Ford, já tenham visitado Pequim.

Durante a sua estadia na capital americana, além das 6 horas de conversações que terá com Carter e os membros do seu governo, Deng Xiaoping avistará-se com os membros das duas câmaras do congresso, particularmente com o líder da maioria do Senado, Byrd, e com o presidente da Câmara dos Representantes, O'Neill.

Anunciou-se em Washington que o vice-Primeiro-Ministro chinês convidou o presidente Carter a fazer uma visita oficial à China. Pensa-se que Carter realizará esta visita lá para o fim do ano. Seguindo os observadores, isso testemunha a grande vontade mútua de normalizar as relações sino-americanas. — (F.P./Tanjug).

Cuba Desenvolvimento ferroviário

HAVANA — O governo cubano executa actualmente um programa de desenvolvimento ferroviário que dotará este importante meio de transporte da capacidade tecnológica necessária à crescente evolução económica do país.

O programa foi concebido para ser realizado em três etapas: a primeira já executada; de 1972 a 1975; a segunda de 1976 a 1980; e a terceira de 1980 a 1990.

Durante a primeira etapa, elaborou-se o esquema geral do programa, e começou-se a reconstrução total da linha central Havana-Santiago de Cuba; com mais de 1.100 quilómetros de vias férreas, incluindo troços de estações. Os troços da linha reconstruídos estão previstos para comboios com velocidades que vão até 140 quilómetros à hora na primeira etapa e até os 200 na segunda etapa.

Iniciou-se também a construção e o equipamento de uma fábrica de travessas de betão com capacidade para fabricar um milhão de unidades por ano.

Para garantir a execução dos trabalhos, dois complexos de extracção e de classificação de pedras foram criados, com capacidade superior a 800 mil metros cúbicos por ano, assim como três bases de reconstrução de vias.

Durante o actual plano quinquenal (1976-80) prevê-se a implantação de um serviço rápido de transporte de passageiros nos arredores das cidades com maior núcleo populacional e aumentar-se-á a participação dos caminhos-de-ferro no transporte de mercadorias nas distâncias longas.

Trabalha-se igualmente com vista a diminuir os cus-

tos da exploração, a fim de utilizar racionalmente a infraestrutura ferroviária, de criar uma estratégia de desenvolvimento a longo prazo e com vista a introdução de inovações tecnológicas de base para os comboios do futuro.

Este processo inclui a compra de 140 locomotivas «diesel» eléctricas e mais de 2 mil vagões de carga, e mil vagonetas para o transporte de açúcar.

No início de 1970, Cuba contava com cerca de 5.100 quilómetros de via férrea, 320 locomotivas, 180 vagões motorizados, 150 vagões e 20 mil trabalhadores. O transporte de passageiros atingiu 11 milhões por ano e o movimento de mercadorias gerais ultrapassou dez milhões de toneladas por ano. (PL)

Irão

Continua a prova de forças

TEERÃO 29 — O infelo desta semana foi marcado no Irão por novos incidentes entre as forças armadas e a população que, apesar da repressão, que no domingo fez mais de 30 mortos em Teerão, continua a exigir violentamente a demissão do actual governo, em quem vê a sobrevivência da monarquia.

Ontem, pelo menos quatro manifestantes morreram, durante os tumultos registados na «cidade nova» (bairro muito velho da capital iraniana reservado às prostitutas), onde o exército interveio. As casas de prazer, de comércio, os bares, nomeadamente, foram sistematicamente saqueados, atacados e queimados.

Um general da polícia iraniana foi assassinado ontem em Teerão, enquanto que um tenente-coronel americano foi gravemente ferido no domingo. Ainda ontem, centenas de milhares de pessoas manifestaram-se em Machad, cidade santa situada a cerca de mil quilómetros da capital, por ocasião do aniversário da morte do imam Reza. O cortejo protestou contra os incidentes de Teerão que causaram 30 mortos anteontem.

Os manifestantes gritavam:

«Baktiar demite-te se não queres ser anforcado». O aytola Komeiny, que ainda não marcou nova data para o seu regresso ao Irão, também responsabilizou o governo de Baktiar pelos massacres dos últimos dias. Numa declaração ao povo iraniano, o líder chiita incitou as massas iraquianas a não obedecerem aos e a continuarem a impedir os ministros de entrar nos seus ministérios.

Todavia, Chapur Baktiar continua agarrado ao poder. «Não vou a Paris, nem hoje nem amanhã, mas a porta continua aberta», declarou durante uma conferência de imprensa o Primeiro-Ministro iraniano, aditando deste modo o encontro anunciado com Komeiny em Paris, para onde devia partir ontem. Baktiar não quis aceitar «absolutamente» a condição do chefe da oposição religiosa — demitir-se previamente do seu posto de presidente do governo. Baktiar rejeitou também a ideia de Komeiny sobre o «governo islâmico», porque segundo ele, «o país não pode ter dois governos».

O compromisso entre Baktiar e o chefe supremo da

oposição, que se chegou a prevêr, e que será, segundo observadores iraquianos, a única solução pacífica da actual crise iraniana, tornou-se agora extremamente incerto.

O Conselho Nacional de Segurança teve uma reunião durante a qual foi dito explicitamente a Baktiar que Komeiny não deve regressar ao Irão. É provável que, neste caso, os generais tomem o poder, ou então entrarão num amplo conflito aberto com as massas.

Mas o exército não é mais aquela máquina monolítica, que só obedece ao xá. Diversos movimentos de protesto desenvolveram-se no interior das forças armadas, particularmente na força aérea, como admitiu o próprio chefe do comando supremo da Aviação, general Abbas Garabaghi numa entrevista ao jornal «Khyayn». Por outro lado, a «Sociedade iraniana para a protecção das Liberdades e dos Direitos do Homem», afirmou, num comunicado publicado ontem em Teerão, que houve prisões na capital e em Isfan entre os militares da aviação.

Itália

Crise política e terrorismo

ROMA — Com dois mortos em cinco dias, um sindicalista e depois um magistrado, o terrorismo acentua a sua pressão na Itália, no mesmo instante em que, ontem à tarde, o chefe do governo democrata-cristão, Giulio Andreotti, proclamava no Parlamento o fim da coligação maioritária e declarava oficialmente a crise.

Marcada pelo terrorismo desde o seu nascimento, em Março de 1978, com o rapto e o assassinato de Aldo Moro, a grande maioria que reuniu democratas-cristãos, co-

munistas e socialistas, terminou com a decisão, na sexta-feira, do Partido Comunista de retirar-se da coligação.

O PCI acusou a DC de ter traído os seus compromissos tomados quando da constituição da grande maioria, e exige a sua participação directa no governo. A DC declara-se pronta a discutir, mas recusa qualquer entrada dos comunistas ao seu lado no governo. A margem de «negociação» aparece estreita, apesar dos esforços dos socialistas por uma negociação «global».

Cooperação Guiné-Bissau/Vietname -Vasco Cabral chega amanhã

A delegação do PAIGC e da República da Guiné-Bissau, chefiada pelo camarada Vasco Cabral, membro do CEL do Partido e Comissário de Estado da Coordenação Económica e Plano, deixou ontem Hanoi, depois de uma visita de amizade de 10 dias à República Socialista do Vietname, onde também assistiu a uma reunião da OSPAA (Organização de Solidariedade dos Países da África e da Ásia) da qual é vice-presidente.

O camarada Vasco Cabral e Dang Thi, ministro

vietnamita adjunto do Primeiro-Ministro, assinaram, em nome dos seus respectivos governos, um acordo sobre a cooperação económica, científica e técnica entre os dois países.

Também durante a sua estadia na capital vietnamita, o camarada Vasco Cabral teve contactos com entidades partidárias no sentido de intensificar as relações existentes entre o PAIGC e o Partido Comunista do Vietname.

O Comissário de Estado da Coordenação Económica e Plano regressa amanhã a Bissau.

Comissário dos Recursos Naturais

(Continuação da 1.ª página)

assinado em 1956, entre o governo português e a companhia Bilinton) tendo assistido ao desenrolar dos trabalhos do campo.

A delegação do Comissariado dos Recursos Naturais, além de altos funcionários do departamento, integrava o director nacional do projecto de bauxite, engenheiro geólogo, António Cardoso, director da aeronáutica civil do Comissariado dos Transportes e Turismo, Mário Mendes, um engenheiro de aeroportos da Organização Internacional da Aviação Civil, e o engenheiro das Obras Públicas, Paulo Vaz, acompanhado de um técnico cooperante do mesmo departamento.

A equipe técnica das Obras Públicas e dos Transportes estudou aspectos ligados à implantação de infraestruturas no quadro do projecto, nomeadamente a questão da construção de uma ponte sobre o rio Fefine, para a ligação entre Lugadjo e Venduleide, local onde se encontra um número considerável de jazigos, e da reparação e ampliação do aeroporto de Belli.

O camarada Samba Lamine Mané, em todos os locais que visitou, tomou conhecimento de alguns problemas que carecem de solução urgente. Tais questões referem-se à carência de instrumentos de trabalho e à melhoria das condições materiais em função das exigências actuais do projecto.

Na reunião tida com os trabalhadores, o primeiro responsável do Comissariado dos Recursos Naturais salientou a necessidade de os técnicos nacionais que trabalham naquele sector aproveitarem o máximo as experiências dos especialistas soviéticos.

A par desta viagem, o camarada Samba Lamine Mané teve uma reunião com a população de Venduleide, que o acolheu em massa, na qual explicou o objectivo da sua missão e o andamento dos trabalhos de prospecção. Entre os responsáveis daquela secção, encontrava-se presen-

te na reunião o deputado da região de Gabú, camarada Amadú Turé, que considerou a visita como um encorajamento para a população local na realização das suas tarefas. Por outro lado, o deputado da região de Gabú frisou que os trabalhos da prospecção da bauxite a que se assiste naquela zona, que conheceu um passado histórico, confirmam a decisão do nosso Partido de criar melhores condições de vida para o nosso povo, «tendo em conta que o projecto da bauxite tem uma importância capital para o desenvolvimento não só desta região, como de toda a nossa terra».

As visitas ao Hospital do Sector, ao Internato Domingos Ramos e ao lugar histórico onde foi proclamada a República da Guiné-Bissau, preencheram também o programa da visita do Comissário dos Recursos Naturais.

De salientar que o camarada Samba Lamine Mané teve a assistir a uma sessão teatral, realizada pelos alunos do Internato, como gesto de saudação à delegação visitante.

Contamos apresentar no próximo número reportagens sobre os trabalhos em execução nos campos de bauxite e sobre alguns aspectos do sector de Boé.

Cooperação Guiné-Bissau-Portugal

(Continuação da 1.ª pá.)

obras públicas; desporto, turismo e comunicação social.

As duas partes passarão ainda em revista algumas dificuldades verificadas na contratação, condições de trabalho e qualidade de vida dos cooperantes portugueses, propostas de novas formas de cooperação, ao mesmo tempo que serão negociados projectos de acordos de cooperação e protocolos nos domínios consular, emigração, comunicação social e judicial.

UMA COOPERAÇÃO MODELAR

O espírito de abertura, de fraternidade, de compreensão e de eficácia que sempre estiveram na base da cooperação entre os dois países, seria uma vez mais acentuada pelo chefe da delegação portuguesa, dr. Paulo Ennes, tanto no discurso pronunciado durante a sessão de abertura dos trabalhos, como em declarações prestadas posteriormente à Radiodifusão Nacional. Ao se referir ao esforço do seu país no sentido de ajudar «os nossos irmãos da

Guiné a desenvolver as potencialidades da sua economia e a preparar um futuro melhor para os seus filhos», Paulo Ennes chamaria a atenção para o facto de Portugal, ao mesmo tempo que presta cooperação a países como o nosso, tem recebido cooperação também, não só de países mais desenvolvidos, mas também de algumas organizações internacionais.

«Tenho a impressão que esta situação implica condições ideais para que o nosso desenvolvimento se reforce em condições que eu considero óptimas, dentro de um respeito que sempre temos afirmado da soberania dos países com os quais temos esses laços, da igualdade e de multiplicação de contactos os mais frutuosos possíveis».

Sobre a assinatura de novos acordos, o representante português recordou os quatro acordos já assinados entre os dois países (nos domínios cultural, comercial, do ensino e da formação profissional) e afirmou que existem ainda grandes possibilidades de incremento das nossas relações no aspecto económico e so-

bretudo no que respeita ao sector comercial.

Por seu lado, o chefe da delegação guineense, ao usar da palavra, referir-se-ia ao desenvolvimento das nossas relações com Portugal ao longo dos quatro anos da nossa total libertação, e afirmaria que o nosso povo e governo têm em alto apreço a cooperação com Portugal «a qual se tem revelado de extrema importância» na fase difícil de reconstrução nacional que vivemos e em que, como não podia deixar de ser, defrontamos problemas graves de carácter económico, social, financeiro e técnico, entre outros.

«Não queremos que, com propriedade se possa falar da existência de qualquer contencioso entre a Guiné-Bissau e Portugal», afirmou Manuel Santos para, em seguida, acrescentar que «existiram sim, alguns problemas ainda não resolvidos e cuja solução ambas as partes buscam empenhadamente e outras que embora já tenham soluções definidas não foi possível resolver devido a condicionamento de vária ordem».

ULTIMAS NOTICIAS

ENVIADO DA ONU NA TANZANIA

DAR-ES-SALAM, 28 —

O representante especial das Nações Unidas para a Namíbia, Marti Ahtisaari, chegou no domingo a Dar-Es-Salam para conversações sobre a situação na Namíbia com o presidente tanzaniano, Julius Nyerere. A sua chegada, Ahtisaari, que se encontrava acompanhado do conselheiro militar especial da ONU, o major austríaco Philip Hannes, declarou que a sua viagem pela África tinha por objectivo avistar-se com os chefes de Estado da «linha de frente» sobre a situação que prevalece actualmente na Namíbia.

Depois da Tanzânia, Ahtisaari deslocar-se-á a Angola, à Zâmbia, a Moçambique e ao Botswana. Avistar-se-á também com o presidente da Swapo e terá conversações na Nigéria, antes de regressar a Nova York, nos finais da segunda semana de Fevereiro.

Entretanto, a Swapo acusou na sexta-feira a África do Sul de ter criado uma brigada especial «de choque» para eliminar os dirigentes do movimento de libertação com vista a fazer fracassar o plano de paz das Nações Unidas.

O secretário administrativo da organização, Moses Garoeb, lançou na sexta-feira esta acusação numa conferência de imprensa no termo de um encontro de três dias que reuniu, na capital do Botswana, os dirigentes da Swapo.

«A Swapo tem provas de que esta brigada é constituída por sul-africanos, treinados pela África do Sul», indicou, acrescentando que também ali se encontram recrutados membros da Unita. (FP)

CONCILIAÇÃO BENIN/GABÃO

LOMÉ, 29 — Uma conferência cimeira reunindo vários chefes de Estado africano, poder-á ter lugar dentro em breve em Lomé, para tentar conciliar o Benin e o Gabão, cujas relações estão demasiado tensas desde o desembarque de mercenários em Cotonou há dois anos e depois da decisão de Omar Bongo de expulsar dezenas de milhares de residentes beninenses do Gabão.

Esta notícia foi dada pelo presidente Sekou Touré da Guiné, antes da sua partida para Conakry depois de uma visita de 24 horas à capital togolense, de regresso de Lagos, onde assistiu à cimeira da Comissão dos Estados ribeirinhos do rio Níger.